



A odisseia do casal francês Jean-Claude Rodet e Francine Fleury-Rodet por terras torrejanas terá começado, segundo os próprios, há mais de dez anos, quando uma carta assinada pelo padre João de Brito da Costa lhes terá prometido que ficariam à frente da Fundação Ecoservis, que veio a ser fundada em 2002, com sede na freguesia de Olaia, tendo como objecto a solidariedade social e a sustentabilidade ecológica. O casal Rodet viria a mudar-se em 2012 para Pé de Cão com esse objectivo, trazendo consigo a sua experiência de professores, nutriterapeutas e uma reputação académica que os levou a vários países para participar em iniciativas de desenvolvimento da agricultura biológica, após centenas de publicações científicas em diversas áreas. Por cá, iriam fazer a supervisão da gestão agrícola das terras da Fundação, a formação do pessoal e a criação de uma equipa de terapeutas para um futuro centro de apoio a pessoas necessitadas e o apoio domiciliário aos idosos da paróquia de Olaia (Pé-de-Cão, Lamarosa, Barroca, Árgea, Chicharo e Valhelhas). Estas e outras ideias para a Fundação surgiram de muitos encontros ao longo da última década com o padre João de Brito da Costa, conhecido na região pela sua actividade de terapeuta de medicina natural.

O casal de franceses emigrado no Canadá trouxe consigo um centro de documentação com perto de 11 mil livros e documentos sobre “saúde natural, ecologia, agricultura biológica e nutrição”, destinado a constituir um fundo de apoio bibliográfico na Fundação.

No entanto, em meados do corrente ano, os Rodet alegam ter sido abandonados, sem que a Fundação Ecoservis tenha cumprido qualquer das promessas feitas e acertadas verbalmente: salário de acordo com as suas qualificações, uma casa e um carro, além das ferramentas e terrenos apropriados para desenvolver os projectos de agricultura biológica (Jean-Claude) e de apoio médico à população idosa e carenciada da freguesia (Francine). Possuidores de um carácter profundamente religioso e humanitário - assumiram-se paroquianos activos desde a chegada - dizem ter sempre dado toda a credibilidade à fundação e à retórica do padre, não havendo por isso nenhum compromisso assinado.

Consideraram, então, que só lhes restava um acto radical de contestação, iniciando a 1 de Julho uma greve de fome, “um processo de acção não-violenta”, perante a “indiferença do padre e do imobilismo da Fundação Ecoservis”, não apenas para apoio das suas reivindicações mas também para denunciar o que dizem ser uma estratégia continuada de sedução e aliciamento de outros profissionais válidos, pelo padre João Costa, seguida do constante adiamento dos contratos e documentos prometidos, até chegar ao abandono total quando se torna evidente que os atingidos não desistem das suas reivindicações. Mas muitos terão desistido nos últimos anos e muitos terão medo de se expor contra um padre com ‘casa feita’ na região, segundo o casal.

Leonel Pereira é quem alberga o casal francês desde a recente expulsão da residência que lhes foi atribuída aquando da sua chegada a Pé de Cão. Residente na Lamarosa, diz também ter vindo para a Fundação há anos para um projecto de formação profissional de jovens, desde a agricultura à carpintaria. Com o tempo, a relação entre Leonel e o padre João Brito da Costa degradou-se por causa dos pedidos de melhores recursos, acabando por ser despedido com a alegação de que “não fazia nada de jeito”.

O casal dá mais exemplos de situações semelhantes, sempre atribuindo ao padre João Costa

o incumprimento de promessas e o aproveitamento abusivo de vontades e disponibilidades. O nosso jornal teve acesso a uma carta de um antigo vice-presidente da Fundação Ecoservis, Pedro Santos, em que é relatada a história da sua passagem pela Fundação, onde foi contabilista e agricultor. O engenheiro agrónomo de Lisboa explica ao pormenor muitos episódios sobre a gestão das actividades da Fundação que, no mínimo, serão de prática questionável, acusando-a de venda massiva de substâncias terapêuticas sem controlo contabilístico, responsabilizando o padre-terapeuta.

Pedro Santos, cuja relação com o padre começou por um aconselhamento clínico, diz, nas sete páginas da carta, que regressou a casa após o abandono do projecto agrícola pela Fundação, e nomeia várias pessoas que terão tido más experiências semelhantes. “O seu procedimento [de Brito da Costa] sucessivo de aliciar pessoas para um projecto que ele próprio não consegue realizar, provoca graves problemas nas vidas dessas pessoas. Foi o que aconteceu comigo, com a minha mulher e com outras pessoas que conheci”, termina a carta.

No momento do fecho desta edição, o casal Rodet já completava 22 dias de greve de fome (Francine em jejum, bebe água com limão e açúcar) e na semana passada foram colocados processos judiciais de parte a parte, apesar de o casal informar que prolongou ao máximo a tentativa de conciliação.

Diocese está a acompanhar a situação O padre João Brito da Costa está sem atribuição de trabalho paroquial, mas continua a pertencer ao clero e vinculado à diocese de Santarém. O pároco de Olaia é, desde finais de 2012, Nuno Pena, que também está na paróquia da Meia Via.

A diocese de Santarém diz estar a averiguar a situação, e não põe em causa “nem um lado nem outro”, disse a *o riachense*

Aníbal Vieira, mas adiantou que o padre tem o seu trabalho paroquial limitado por causa da sua saúde. A atitude reservada da diocese deve-se a estar agora a surgir tanta gente a corroborar a versão do casal Rodet, quando anteriormente “nunca nos chegou o mínimo eco de situações destas”. Apesar do caso estar a ser “acompanhado”, o padre responsável pela Fundação não foi suspenso pela diocese, que ressalva que a Ecoservis é uma entidade privada e não tem nada a ver com a Igreja. O estatuto de IPSS implica que sejam as Finanças e a Segurança Social a tutelar a sua actividade.

O vigário geral Aníbal Vieira esteve junto do casal no princípio do protesto, já em Julho, dois meses depois de ter sido feita queixa do padre Brito da Costa à diocese, mas desde então não houve mais contactos. Para obter reacções da Igreja, o protesto estendeu-se a Santarém na semana passada, com uma manifestação pacífica de informação em frente da Sé, enquanto decorria uma ordenação de sacerdotes.

O pároco Nuno Pena revelou-nos, entretanto, que conheceu Brito da Costa quando foi colocado na paróquia de Olaia no fim do ano passado, e que este sempre foi muito correcto, simpático e cumpridor do trabalho paroquial que lhe foi sendo pedido, que nada tinha a ver com a actividade que ele tinha na Fundação. Nuno Pena diz que Jean-Claude Rodet também é uma pessoa boa e séria, com muitas competências e muitos conhecimentos na região. Ainda assim, aconselha: “ninguém tem a culpa toda nem ninguém é isento de culpas, tem é de se apurar a verdade, doa a quem doer”.

“Campanha difamatória e caluniosa” diz a Ecoservis As nossas tentativas de contacto com o padre João Costa foram frustradas, tanto pessoalmente, visto que terá passado uma temporada nos Açores, como através da Fundação Ecoservis.

Entretanto, a Ecoservis enviou um comunicado à imprensa no dia 18, em que refuta todas as

acusações e que os factos por si defendidos poderão ser “demonstrados de forma pacífica”, contra a “campanha difamatória e caluniosa dirigida à Fundação, seu presidente e órgãos sociais”.

Assinado pelo vice-presidente José Santos, lê-se no documento que “não é verdade que em momento algum a Fundação ou os seus legais representantes tenham contratado, formal ou informalmente, o casal Rodet para vir trabalhar” e que nem sequer os convidaram, negando também ter oferecido qualquer das condições alegadas (casa, carro, salário, alimentação).

A Fundação acusa os Rodet de oportunismo e de terem apenas o interesse de conseguir uma indemnização financeira. Como IPSS, a Fundação “concentra os seus reduzidos recursos financeiros na ajuda aos mais necessitados, nomeadamente idosos e nos doentes, e reafirma a sua vontade e desejo de continuar a cumprir o seu objecto estatutário, não cedendo, nem a ameaças, nem a chantagem do casal Rodet”.